

ORIENTAÇÕES

PEDAGÓGICAS

2024

GEOGRAFIA



SEMED





**PREFEITURA MUNICIPAL DE CAMPO GRANDE
ESTADO DE MATO GROSSO DO SUL
SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO**

ADRIANE BARBOSA NOGUEIRA LOPES
Prefeita Municipal

LUCAS HENRIQUE BITENCOURT DE SOUZA
Secretário Municipal de Educação

ANA CRISTINA CANTERO DORSA LIMA
Superintendente de Políticas Educacionais

ANA MARIA RIBAS
Chefe da Divisão do Ensino Fundamental e Médio

**EQUIPE TÉCNICA DE GEOGRAFIA DA
DIVISÃO DO ENSINO FUNDAMENTAL E MÉDIO (DEFEM)**

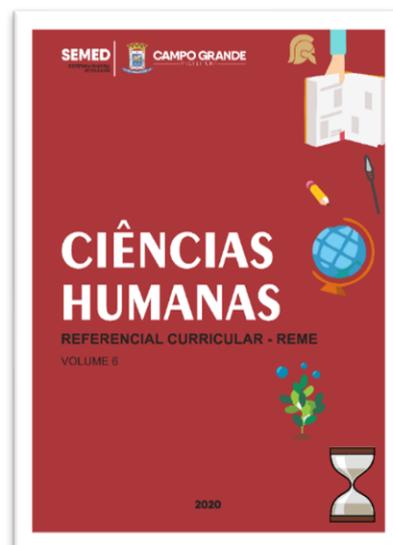
Analice Teresinha Talgatti Silva
Rafael Bartmann de Almeida
Rafael Bastazini Lazzari
Sônia dos Santos Boiarenco Amorin

1 - INTRODUÇÃO

Considerando o texto introdutório do **Referencial Curricular de Geografia**, vale ressaltar a distinção crucial entre **Conhecimento geográfico** e **Ciência geográfica**.

O primeiro é informal, baseado em práticas inerentes às experiências humanas...

... enquanto a ciência geográfica, ou Geografia, surgiu no século XIX como uma disciplina autônoma, com métodos e rigor científico.



Download do Referencial Curricular de Ciências Humanas

Disponível em:

<https://geomorena.blogspot.com/search/label/DOCUMENTOS%20OFICIAIS>

Por isso, ao planejarmos uma aula de Geografia, é importante termos discernimento **da corrente do pensamento geográfico** (*tradicional, quantitativa, crítica e cultural*) e **de qual conceito da Geografia** (*espaço, paisagem, lugar, região e território*) embasará nossa perspectiva analítica, visto que existem particularidades em cada conceito/categoria em função da corrente do pensamento (Figura 1).

Figura 1: Os conceitos da Geografia estão articulados às correntes do pensamento geográfico, implicando em diferentes perspectivas analíticas e metodológicas.



Fonte: DEFEM. 2024.

Com base nos conhecimentos específicos e nas habilidades presentes no Referencial Curricular de Geografia, entendemos que os procedimentos metodológicos da geografia tradicional e quantitativa não devem ser desprezados, **sobretudo em aulas voltadas ao reconhecimento, à identificação, etc.** Neste nível, é fundamental que ocorra a descrição (das paisagens e fenômenos) e, se possível, que essa esteja suportada por números, gráficos, tabelas, etc.



Porém, do ponto de vista analítico, **sugerimos a predominância de uma abordagem histórica, materialista e dialética (Geografia Crítica)**, explorando as influências dos processos históricos na configuração dos lugares, das paisagens, dos territórios, considerando também os fatores que implicam essa dinâmica, como produção, distribuição, apropriação dos recursos e desigualdades socioespaciais, evidenciando como as estruturas socioeconômicas impactam a organização do território. Ou, a depender da habilidade e do conhecimento específico, **sugerimos considerar uma abordagem fenomenológica (Geografia Cultural)**, explorando as relações dos sujeitos com seus lugares de vivência e o surgimento de sentimentos para com o lugar, podendo este ser de afetividade (topofilia) ou ainda de rejeição (topofobia).

2 - A ESTRUTURA DO REFERENCIAL CURRICULAR DE GEOGRAFIA



UNIDADE TEMÁTICA

É arranjo dos objetos de conhecimento ao longo do Ensino Fundamental, adequado às especificidades do componente curricular de Geografia.

Ao longo do ensino fundamental são cinco Unidades Temáticas, a saber:

Conexões e escalas

Formas de representação e pensamento espacial

Natureza, ambientes e qualidade de vida

O sujeito e o seu lugar no mundo

Mundo do trabalho



OBJETO DO CONHECIMENTO

São conteúdos, conceitos e processos que serão os meios para o desenvolvimento das habilidades.



HABILIDADE

São aprendizagens essenciais esperadas para cada ano escolar. Expressas por verbos no infinitivo, indicam operações cognitivas que os alunos devem realizar para desenvolver a habilidade.



CONHECIMENTOS ESPECÍFICOS

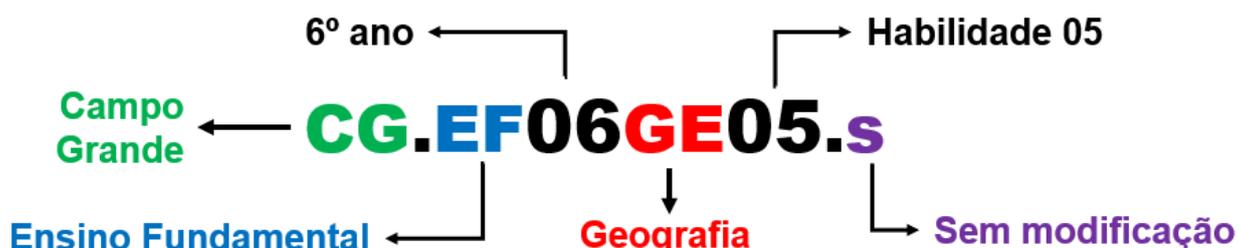
Indicam os temas que serão utilizados para mobilizar/desenvolver o conjunto de habilidades essenciais.



RECOMENDAÇÕES

Expressam caminhos possíveis para o desenvolvimento das habilidades.

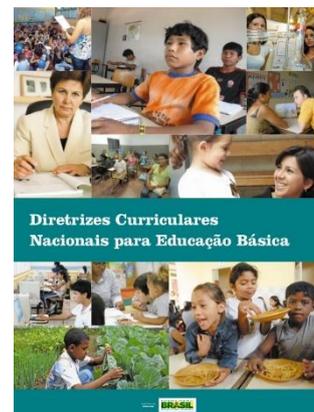
ENTENDENDO O CÓDIGO DA HABILIDADE



Observação: A sequência numérica da habilidade não indica obrigatoriedade na sequência didática. Logo, não há conflito ao trabalhar a habilidade 05 antes da 03.

3 - A TRANSIÇÃO DOS ANOS INICIAIS PARA OS ANOS FINAIS.

As Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Básica (2013) chamam a atenção para a transição entre as etapas da educação básica e suas fases, requerendo “formas de articulação das dimensões orgânica e sequencial que assegurem aos educandos, sem tensões e rupturas, a continuidade de seus processos peculiares de aprendizagem e desenvolvimento”.



Segundo a BNCC (2017), **é crucial considerar medidas que garantam uma transição contínua de aprendizado entre as fases do ensino fundamental, visando a uma integração efetiva nesta etapa.** Essa transição envolve mudanças pedagógicas na estrutura educacional, principalmente, devido à diferenciação dos componentes curriculares, além dos aspectos relacionados à aprendizagem e ao desenvolvimento dos(as) alunos(as).

O Parecer do Conselho Nacional de Educação CNE/CEB nº 11/2010 indica que, ao mudarem do(a) professor(a) generalista dos anos iniciais para os(as) professores(as) especialistas dos diferentes componentes curriculares, os(as) alunos(as) costumam se ressentir diante das muitas exigências que têm de atender, feitas pelo grande número de docentes dos anos finais (BRASIL, 2010). Nesse sentido, há de se cuidar da transição do ensino fundamental I para o ensino fundamental II, quando o(a) estudante passa a ter uma quantidade maior de docentes conduzindo diferentes componentes curriculares e atividades, tornando mais complexa a sistemática dos estudos.

Portanto, há necessidade de promover ajustes essenciais e conexões, tanto no 5º ano quanto no 6º ano, a fim de apoiar os(as) alunos(as) durante essa transição, para não haver interrupções no processo de aprendizagem, proporcionando-lhes melhores chances de sucesso nessa nova etapa de ensino.

Assim, é importante ressaltar que os(as) estudantes, dos anos iniciais, estão familiarizados(as) com uma organização escolar distinta dos anos finais, por exemplo, a distribuição de aulas entre os componentes curriculares e o número de professores(as) é diferente. Nos anos iniciais, os(as) estudantes têm uma abordagem pelo(a) professor(a) de atividades que é o principal ponto de referência. Por outro lado, nos anos finais, observa-se um

contexto com vários(as) professores(as), com a implementação de diversas metodologias por diferentes docentes, além da utilização de instrumentos variados.

Faz-se ainda necessário ressaltar que, o(a) estudante na passagem dos anos iniciais para os anos finais do ensino fundamental encontra-se em um momento de transição do seu desenvolvimento entre a infância e a adolescência, ocorrendo mudanças biológicas, cognitivas, emocionais e sociais. Portanto, tais mudanças, tanto dos sujeitos quanto da rotina escolar, apresentam-se como um grande desafio aos(às) estudantes, podendo afetar seu desempenho escolar em diversos aspectos e, por isso, é preciso que todos os envolvidos nessa transição atuem em ações coordenadas e comprometidas com o processo educacional. A fim de gerir tais aspectos é preciso que a equipe técnico-pedagógica e os(as) docentes levem em consideração alguns pontos:

01

Autonomia

Zelar para que o(a) aluno(a) do 5º ano desenvolva autonomia no decorrer do ano letivo, atentando-se para aspectos como: organização dos materiais escolares, gestão do tempo de aula, bem como autonomia na leitura e escrita.

02

Reunião de pais

Convidar os pais e/ou responsáveis dos(as) estudantes do 6º ano para uma reunião mostrando as implicações dessas mudanças, nessa fase, a fim de que conheçam os(as) professores(as) e recebam orientações sobre a nova rotina

03

Apresentar os(as) futuros(as) professores(as)

Apresentar os(as) futuros(as) professores(as) e deixar que expliquem sobre seu componente curricular e as formas de avaliação para os(as) alunos(as) do 6º ano.

04

Diálogo

Quando possível (no caso de escolas com várias turmas e mais de um(a) professor(a), escolher para atuação nos 6º anos, docentes abertos(as) ao diálogo e dispostos a reconhecer as questões pedagógicas e sociais dessa transição.

05

Momentos

Promover momentos com outras instituições que corroboram o momento de transição dos(as) alunos(as) como: profissionais ligados(as) ao desenvolvimento infantil.



06

Expectativas

Proporcionar um encontro, no início do ano letivo, entre docentes dos anos iniciais e finais para um diálogo diante das expectativas e vivências dos(as) alunos(as) neste momento de transição.

07

Relatórios

Quando possível, viabilizar o compartilhamento de relatórios de desenvolvimento individuais e/ou de turmas do 5º ano aos(às) professores(as) do 6º ano.

08

Outras estratégias

Viabilizar ações e estratégias pedagógicas, além das citadas, que possam ser consideradas necessárias e efetivas para a gestão da etapa de transição.

Assim sendo, o ensino fundamental II apresenta novos desafios ao(à) estudante, e, portanto, é preciso refletir de maneira ampla sobre as estratégias de ensino e aprendizagem adotadas durante o período de transição. Logo, tais orientações visam a encontrar maneiras de gerir os efeitos causados pela descontinuidade brusca de abordagens de ensino na transição dos anos iniciais para os anos finais, que acabam comprometendo o processo de aprendizagem dos(as) alunos(as), resultando em dificuldades no processo de adaptação e influenciando nos índices de reprovação ou evasão escolar.

Sugestões de leitura

ANGELO, Jamisson da Silva. O processo de transição dos anos iniciais para os anos finais no ensino fundamental **Revista de Divulgação Científica em Língua Portuguesa, Linguística e Literatura**. Volume 21, n.1 – setembro de 2021.

BÔAS, Márcia Martins Villas. **A relação afetiva entre professores e alunos na transição dos anos iniciais para os anos finais do ensino fundamental**. 2014. 89 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2014.

4 - Como organizar os conhecimentos do currículo no planejamento?

Para realização de tal tarefa, o (a) professor(a) de Geografia deve pautar suas aulas **no pensamento espacial e nos princípios do raciocínio geográfico**. Logo, todo fenômeno, forma e/ou processo discutido, mesmo que numa perspectiva conceitual, deve ser obrigatoriamente **LOCALIZADO** no espaço.



A localização é um princípio fundamental para uma análise geográfica. Logo, cabe refletir sobre qual instrumento será utilizado para tal finalidade: mapa, croqui, carta topográfica, imagem de satélite etc. A seleção e o uso destes instrumentos podem também ser mediados via tecnologias digitais como Google Maps, Google Earth, SISGRAN, MapBiomias etc.

Tendo localizado o fenômeno no espaço, podemos avançar as discussões tendo como base outros princípios do raciocínio geográfico, tais como a **ANALOGIA** (características ou padrões semelhantes) e a **DIFERENCIAÇÃO** (características ou padrões distintos entre locais ou fenômenos geográficos). A partir da identificação das semelhanças/diferenças, o (a)

professor (a) utilizará elementos explicativos (conceitos, formas e processos) que possibilitarão o desenvolvimento da habilidade em foco.

Além destes citados, existem outros princípios do raciocínio geográfico que podem aprofundar ainda mais as abordagens geográficas, tais como: **DISTRIBUIÇÃO** (disposição ou arranjo espacial de fenômenos geográficos); **CONEXÃO** (compreensão das relações e interações entre diferentes lugares/fenômenos); **EXTENSÃO** (medida ou alcance espacial de um fenômeno geográfico); **ORDEM** (organização espacial e à disposição de elementos em uma determinada área).

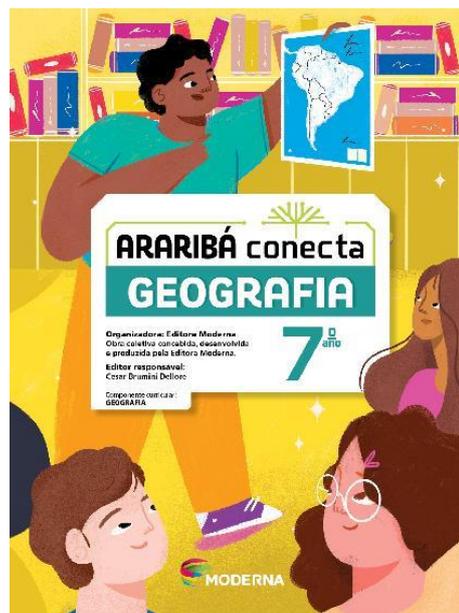
Ainda como sugestão metodológica, ao planejar uma aula de Geografia centrada nos princípios do raciocínio geográfico, **é fundamental a incorporação de recursos multimodais e multissemióticos para proporcionar uma experiência de aprendizagem mais abrangente e diversificada**. Deste modo, sugerimos o uso de mapas, figuras, imagens, sons, vídeos, relatos dos alunos etc., pois estes recursos oferecem diferentes perspectivas para o desenvolvimento dos conceitos geográficos.



Os **mapas**, por exemplo, permitem uma compreensão visual da distribuição espacial, enquanto os vídeos podem proporcionar uma imersão mais dinâmica nos fenômenos geográficos. Ao adotar uma abordagem multimodal e multissemiótica nas aulas de Geografia, pode-se criar um ambiente de aprendizagem mais inclusivo e estimulante, incentivando o desenvolvimento do raciocínio geográfico entre os estudantes.



A localização dos temas no livro didático é outra tarefa fundamental, **pois este material pode ser em alguns casos, a única fonte de leitura dos alunos.** O (a) professor (a) pode complementar seus planejamentos, aulas e momentos de estudo, quando possível, com recursos adicionais, a saber: artigos, dissertações, teses, notícias e dados de órgãos de pesquisa. Além disso, a metodologia e os recursos podem ser diversificados para enriquecer a experiência de aprendizado.

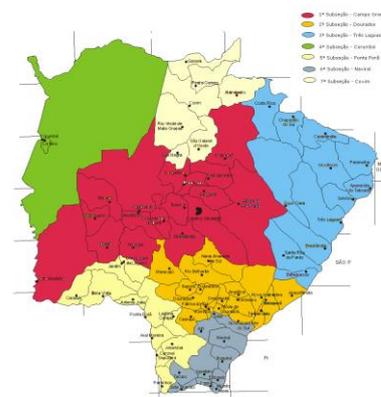


Download do livro - (versão do professor)

Disponível em: https://drive.google.com/drive/u/7/folders/1eyLfPcEzUU-O_s1nUSrO0goxMA8Opcn2

5 - E A GEOGRAFIA REGIONAL?

Chamamos atenção para o fato de que no 7º ano, no componente curricular de Geografia, é adicionado a geografia regional. Do ponto de vista estrutural, o documento permanece inalterado, contando com os quatro quadros divididos por bimestres. Ressaltamos, no entanto, que as habilidades que terminam com a letra minúscula “d”, foram alteradas e acrescidas, sobretudo do ponto de vista analítico e escalar, de aspectos sobre o estado do Mato Grosso do Sul.



Desse modo, ao trabalhar os conhecimentos específicos presentes na geografia regional, deve-se considerar a necessidade de estratégias, procedimentos e práticas pedagógicas que assegurem seus sentidos e significados, observando as necessidades e características da comunidade na qual a unidade escolar está inserida.

Para tanto, sugerimos a seguir fontes com materiais científicos para o uso nas aulas de geografia regional. Obviamente, devem ser adaptados à faixa etária e aos aspectos cognitivos dos alunos. [Clique no ícone para acessar a página sugerida.](#)

BIBLIOTECAS DE TESES E DISSERTAÇÕES

Clique nas imagens para acessar as bibliotecas



REVISTAS DE GEOGRAFIA
COM QUALIS A1, A2, A3, A4, B1 e B2

Use a plataforma Sucupira/Capes para pesquisar as revistas.

PUBLICAÇÕES DE INSTITUTOS/AGÊNCIAS DE PESQUISA

Clique nas imagens para acessar as instituições e materiais de leitura



Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística



AGÊNCIA NACIONAL DE ÁGUAS
E SANEAMENTO BÁSICO



MINISTÉRIO DO MEIO AMBIENTE



OBSERVATÓRIO
DO TURISMO DE MS



SEMADESC
Secretaria de Estado
de Meio Ambiente,
Desenvolvimento, Ciência,
Tecnologia e Inovação



PLANURB

Agência Municipal
de Meio Ambiente
e Planejamento Urbano



**ZONEAMENTO ECOLÓGICO ECONÔMICO
DE CAMPO GRANDE - MS**

**PERFIL SOCIOECONÔMICO
DE CAMPO GRANDE - MS**



**Zoneamento
Ecológico-Econômico**

LIVRO: TALGATTI & VARGAS

**DIÁLOGOS
PEDAGÓGICOS
GEOAMBIENTAIS**

**PAISAGENS E LUGARES
DE CAMPO GRANDE**

Clique na imagem para acessar o livro

AULAS DO BLOG DE GEOGRAFIA E DA TV REME

GEOGRAFIA MORENA

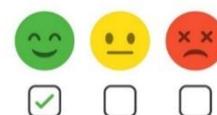


**TVREME
CAMPO GRANDE**

SEMED | CAMPO GRANDE

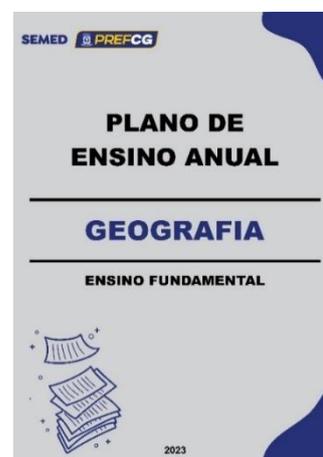
6 - OS PROCESSOS/CAMINHOS AVALIATIVOS DO COMPONENTE

Em termos avaliativos, o processo cognitivo da habilidade representa os níveis de complexidade da aula, deste modo, **deve-se ter coerência com a avaliação proposta**. Se o objetivo da aula é identificar/reconhecer processos, formas e fenômenos, a avaliação deve manter-se no mesmo nível cognitivo. Além disso, é fundamental que os alunos tenham conhecimento de quais serão os instrumentos e critérios avaliativos, e se possível, que ocorra uma diversificação destes durante o processo de avaliação. Sugerimos, portanto, a retomada do Projeto Político Pedagógico (PPP) da sua escola para a verificação/conhecimento do processo avaliativo que fora proposto pelo coletivo escolar.



Em tempo, o planejamento de aulas de Geografia também requer atenção aos alunos com necessidades especiais e trabalho conjunto com os profissionais desta área quando presentes na escola.

Quanto à estrutura do Referencial Curricular de Geografia, para cada ano, tem-se quatro quadros, o que representa uma divisão por bimestres e alinha-se ao Plano de Ensino Anual. Para esta organização foi considerada o aspecto relacional entre os Objetos de Conhecimento e as habilidades. Ou seja, uma habilidade não é trabalhada uma única vez e seu desenvolvimento prescinde de uma articulação com outras. Desta forma, algumas habilidades podem ser trabalhadas em mais de um bimestre, conforme é possível observar nos quadros com a divisão bimestral.



Download do Plano de Ensino Anual – Geografia
<https://drive.google.com/drive/folders/1OP13KxPtAJ5WU0dceo-i7NJqU9Hs2pqW>

Outro aspecto que consideramos válido ao propor tal organização bimestral, **foi sua correspondência com as Unidades e Capítulos que integram o livro didático adotado pela Rede Municipal de Ensino**. Assim, ao elaborar seu planejamento, considerando a divisão do plano anual, os professores devem localizar no Referencial Curricular a Unidade Temática e os seus conhecimentos específicos e definir as melhores estratégias didáticas para o desenvolvimento daquela habilidade.

JANEIRO							Fevereiro						
1	2	3	4	5	6	7	1	2	3	4	5	6	7
1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14
15	16	17	18	19	20	21	15	16	17	18	19	20	21
22	23	24	25	26	27	28	22	23	24	25	26	27	28
29	30	31					29	30	31				
TOTAL DE DIAS LETIVOS: 21	S1 - 26/05 - Conselho de classe e antecipação do dia 13/10						TOTAL DE DIAS LETIVOS: 13	S1 - 02/02 - Conselho de classe					

MARÇO							Abril						
1	2	3	4	5	6	7	1	2	3	4	5	6	7
1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14
15	16	17	18	19	20	21	15	16	17	18	19	20	21
22	23	24	25	26	27	28	22	23	24	25	26	27	28
29	30	31					29	30	31				
TOTAL DE DIAS LETIVOS: 21	S1 - 26/05 - Conselho de classe e antecipação do dia 13/10						TOTAL DE DIAS LETIVOS: 11	S1 - 02/02 - Conselho de classe					

MAIO							Junho						
1	2	3	4	5	6	7	1	2	3	4	5	6	7
1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14
15	16	17	18	19	20	21	15	16	17	18	19	20	21
22	23	24	25	26	27	28	22	23	24	25	26	27	28
29	30	31					29	30	31				
TOTAL DE DIAS LETIVOS: 20	S1 - 26/05 - Conselho de classe e antecipação do dia 13/10						TOTAL DE DIAS LETIVOS: 17	S1 - 02/02 - Conselho de classe					

Além disso, é crucial considerar a quantidade de aulas disponíveis para abordar os conhecimentos e habilidades propostos, conforme o calendário escolar. Diante do tempo limitado, é fundamental identificar os conhecimentos essenciais do bimestre ante da realidade de seus alunos, avaliando a possibilidade do desenvolvimento integral da habilidade em foco ou de uma abordagem parcial da mesma.

Nesse contexto, esperamos que essas orientações possam auxiliar na organização do trabalho didático dos professores responsáveis pelo ensino de Geografia nesta Rede.

Por fim, em caso de dúvidas ou *feedback*, a equipe de Geografia da Semed continua disponível na Divisão do Ensino Fundamental e Médio via

E-mail: geografia.cg@gmail.com

Telefone: 2020-3844



Desejamos um excelente ano de 2024!